

# COMPULSÃO À REPETIÇÃO E ADICÇÃO

*Olivia Barbosa Miranda\**  
*Bianca Maria Sanches Faveret\*\**

## **RESUMO:**

Este trabalho comenta a questão da adicção, enquanto modelo dos chamados “novos sintomas”. Para tal, refletimos sobre suas relações com a compulsão à repetição e o gozo. Por fim, realizamos uma interrogação de como a clínica analítica é capaz de lidar com este fenômeno, o qual a interroga nos limites de sua prática

**PALAVRAS-CHAVE:** Adicção. Adicto. Compulsão à repetição. Gozo. Psicanálise.

---

\* Olívia Barbosa Miranda (Graduada em Psicologia. Discente do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, na linha de Processos Psicossociais em Saúde). Endereço para contato: Rua Luiz Perry, 26, 304. Bairro Santa Helena, Juiz de Fora, MG, Brasil. CEP: 36015-380. Email: oliviabmiranda@gmail.com

\*\* Bianca Maria Sanches Faveret (Doutora em Psicologia, PUC-RIO. Psicanalista. Docente do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora.). Endereço para contato: Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas e Letras, Departamento de Psicologia. ICHL - Departamento de Psicologia. Campus Martelos - Juiz de Fora, MG, Brasil. Email: faveret@ufjf.edu.br

*O que não tem descanso, nem nunca terá*

*O que não tem cansaço, nem nunca terá*

*O que não tem limite.*

Chico Buarque

## **Introdução**

O presente artigo surgiu a partir de uma reflexão sobre a compulsão à repetição. Através da pesquisa realizada, a qual teve por base os textos freudianos, foi possível compreender que a compulsão à repetição, mais do que uma mera repetição do sintoma, configura-se como algo da ordem do insuperável, já que se trata de um dado inerente à estrutura do sujeito.

Alguns de seus aspectos, como a insistência com que se apresenta, a sua estreita relação com a pulsão de morte e o que se vislumbrou, no fenômeno, no que diz respeito ao gozo, levaram a um interesse em aprofundar o estudo do tema.

Também nos chama atenção a incidência com que a repetição se presentifica nos sintomas mais prevalentes na contemporaneidade, uma vez que se observa, na clínica, um grande número de pacientes sofrendo de crises de angústia; de adicção<sup>1</sup>; das mais variadas compulsões, quer sejam alimentares, por jogo, por compras, entre outras.

Sabe-se que os acontecimentos da vida coletiva influenciam a subjetividade, havendo uma íntima relação entre o individual e o social. Sendo assim, é possível afirmar que a sociedade de consumo, sociedade de excesso, na qual vivemos, favorece o surgimento dos referidos sintomas, uma vez que nesta é possível observar um afrouxamento dos laços sociais, o aumento do individualismo, a obrigatoriedade de ser bem-sucedido, a falência da instância fálica e da autoridade simbólica, além de um estímulo ao gozo sem limites. As relações sociais estão pautadas na maneira como nos relacionamos com as mercadorias, havendo uma desvalorização nas relações pessoais. (FAVERET et al, 2007)

---

<sup>1</sup> Será utilizado, no presente artigo, o termo adicção, ao se falar do uso metódico da droga (lícita ou ilícita), pelo sujeito. No entanto, em alguns momentos o termo toxicomania aparecerá, devendo ser entendido como equivalente à adicção.

Dentre os sintomas mencionados, resolvemos abordar a adicção devido à pertinência do tema para a clínica psicanalítica, ao alto grau de repetição que manifesta e à sua íntima relação com o gozo, além de considerá-la um sintoma típico da sociedade na qual estamos inseridos. De acordo com Betts (2004, p. 73), “vivemos num mundo onde existe pouco lugar para o sujeito”. Como consequência, este, diante de seu mal-estar, se utiliza do recurso ao produto droga, seja ele legal ou ilegal. No entanto, os produtos<sup>2</sup> não dão refúgio ao sujeito, apenas o intoxicam e o reiteram à sua alienação narcísica.

De certo modo, é possível afirmar que o gozo do adicto é sempre auto-erótico, autístico, uma vez que se trata de um modo de gozar que tenta prescindir do Outro. Por essa razão, podemos eleger a adicção como o modelo dos chamados “novos sintomas” (Santiago, 2001a).

### **Compulsão à repetição no pensamento freudiano**

Freud, ao longo de sua clínica, se deparou com um fenômeno que o levaria a reformular tanto sua prática, quanto aspectos fundamentais de sua elaboração teórica. O fenômeno em questão se trata da compulsão à repetição. O primeiro conceito freudiano de compulsão à repetição apareceu em 1914, no texto *Recordar, repetir e elaborar*: “podemos dizer que o paciente não *recorda* coisa alguma do que esqueceu ou recalcou<sup>3</sup>, mas expressa-o pela atuação ou atua-o (*acts it out*). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; *repete-o*, sem, naturalmente saber que o está repetindo.” (Freud, 1914, p. 165)

Em um primeiro momento, a compulsão à repetição era entendida como o retorno do recalco, ou seja, acreditava-se que esta era, essencialmente, uma repetição do sintoma. No entanto, no decorrer da obra freudiana, a repetição ganhou status de dado estrutural, sendo da ordem do insuperável. Segundo André de Sousa (1996, p. 453), percebeu-

---

<sup>2</sup> O termo produto será utilizado ao invés de droga, a fim de tornar a discussão mais abrangente, uma vez que se refere não só às drogas ilícitas, como também aos psicofármacos, dentre outros. Ainda sim, em alguns momentos o termo droga será utilizado, devendo ser tomado no mesmo sentido que produto.

<sup>3</sup> *Verdrängung*- referente à operação do recalco. Traduzido erroneamente como repressão, termo que se refere a um processo na esfera da consciência.

se que “não podemos nos desembaraçar por completo dessas manifestações residuais”, pois há sempre um resto.

Chama atenção a insistência com a qual o fenômeno se apresenta, sendo este um ponto com importantes conseqüências para a condução do tratamento. Isto se dá em função do alto grau pulsional em jogo na repetição. Sabe-se que dentre as características inerentes à pulsão, descritas por Freud em *As pulsões<sup>4</sup> e suas vicissitudes* (1915), destacam-se a fonte, a finalidade, o objeto e a pressão, sendo esta última característica a responsável por sua insistência, já que a pulsão é uma força cujo impacto não cessa de acontecer, exigindo do aparelho psíquico um trabalho permanente a fim de reduzir ao máximo esse impacto.

Outro aspecto extremamente importante é o fato de que a compulsão à repetição despreza, claramente, o princípio de prazer. Segundo Freud (1920, p. 31) “a compulsão à repetição também rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação, mesmo para impulsos pulsionais que desde então foram recalçados”.

Até então, acreditava-se que todos os processos mentais eram regidos pelo princípio de prazer. A partir da observação de certos fenômenos, como o jogo do *fort-da<sup>5</sup>* e dos sonhos presentes nas neuroses traumáticas, Freud se viu impelido a reformular sua teoria e a introduzir, em seu escopo, o conceito de pulsão de morte, já que os referidos fenômenos não são acompanhados por uma produção de prazer ou conduzem a ele<sup>6</sup>.

A pulsão de morte, para Freud, se trata de uma busca, natural a todo organismo vivo, pela restauração a um estado anterior das coisas, ou seja, a tentativa de voltar ao estado inanimado, inorgânico da matéria, seria um objetivo em si mesmo. Desse modo, a pulsão de morte trabalha a favor dessa tendência, a qual seria anterior e, até mesmo, independente da tendência ao princípio de prazer. É necessário, porém, esclarecer que as pulsões sexuais – ou pulsões de vida – continuam realizando seu trabalho numa tentativa de perpetuar a vida e

---

<sup>4</sup> O termo alemão *Trieb* foi traduzido para o português como instinto. No entanto, o uso do termo pulsão mostra-se mais adequado, visto que instinto dá a idéia de algo puramente biológico, enquanto a definição de pulsão a situa na fronteira entre o somático e o psíquico.

<sup>5</sup> Jogo infantil, em que a criança arremessava um carretel envolvido por um cordão para longe de si e, posteriormente puxava-o de volta, com visível expressão de satisfação. Representava a presença/ausência da mãe, quando esta deixava a criança por algumas horas.

<sup>6</sup> Remetemos aqui o leitor para a obra *Além do princípio de prazer* (1920).

promover sua renovação. Outro dado importante, o qual não se deve esquecer é o fato de que as duas classes de pulsões encontram-se intimamente entrelaçadas.

Em decorrência da definição dada à pulsão de morte, é possível estabelecermos um paralelo entre esta e o *Princípio de Nirvana*, já que este princípio nada mais é do que uma tendência do aparelho mental em manter os níveis de excitação que o atingem nulos. Trata-se, portanto, de uma consequência inevitável do fato, já citado anteriormente, de que a finalidade da pulsão de morte é a conservação de um estado anterior, no qual há uma tentativa de se atingir a estabilidade inerente ao estado inanimado da matéria bruta. Em contrapartida, o princípio de prazer, apesar de tentar manter a homeostase, buscando evitar a tensão e o desprazer, encontra-se diretamente ligado às exigências feitas pela libido.

Mostra-se de suma importância, para a presente discussão, o esclarecimento de que a compulsão à repetição, enquanto reexperiência do idêntico, é apenas mais uma expressão do princípio de prazer. No *Projeto para uma psicologia científica* (1895), Freud aborda o conceito de *facilitação*, o qual pode ser entendido como uma primeira idéia que o levaria a elaborar, anos mais tarde, seu conceito de compulsão à repetição. Porém, é preciso compreender que a facilitação ainda obedece ao princípio de prazer, uma vez que o que ocorre neste processo é a existência de uma tendência à passagem de excitação ocorrer por uma mesma via, havendo uma resistência à busca de novos caminhos. Lacan (1964) nos mostra que a facilitação não deve ser entendida apenas como um efeito mecânico, mas como algo relacionado ao prazer da facilidade, sendo, portanto, da ordem de um prazer da repetição<sup>7</sup>.

Já a compulsão à repetição, enquanto tal, ou seja, como uma busca incessante do reencontro com o objeto perdido – *das Ding, a Coisa*, para Freud – está fadada a um fracasso contínuo. Ainda assim, as tentativas continuam, lançando-se mão de objetos substitutos. Cabe, então, afirmar que “a compulsão à repetição se estrutura em torno de uma perda, na medida em que o que se repete não coincide com o que isso repete” (ANDRÉ DE SOUSA, 1996, p. 449).

Ainda segundo André de Sousa (1996), o que abre o campo da repetição poderia ser entendido como uma falha nos processos de defesa, como um fracasso em impedir o retorno do recalçado, uma vez que o recalque e o retorno do recalçado são praticamente a mesma coisa, se levarmos em consideração o elemento constitutivo desse. Contudo, as

---

<sup>7</sup> Remetemos aqui o leitor para a obra *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964).

lembranças não têm acesso à consciência sem sofrer alguma modificação, de modo que a repetição, como repetição das diferenças, pode ser entendida como consequência desse processo de recalçamento. Sendo assim, é possível compreender a insistência constante de movimento de retorno do material recalçado.

Serão estes aspectos referentes à compulsão à repetição, enquanto uma busca repetitiva e inútil, em direção a um objeto inatingível e que gira em torno de uma perda – sendo, pois, origem de gozo – que permitirá realizarmos uma reflexão acerca da adicção.

### **O conceito de adicção e suas relações com a repetição**

A categoria nosológica da toxicomania, em nossos termos, adicção, foi cunhada pela psiquiatria, a qual em determinado momento histórico – meados do século XIX – a elevou ao status de uma categoria clínica específica, apresentando uma íntima relação com a inclinação impulsiva e os atos maníacos. O discurso da psiquiatria exclui o sujeito em questão no fenômeno, dando lugar a um olhar no qual aquilo que se encontra em destaque na patologia nada mais é que a resultante de uma interação específica entre organismo e ambiente. (Santiago, 2001)

Para a psicanálise a adicção não deve ser entendida como uma categoria clínica específica. De acordo com Giansi (2005), a adicção não existe da mesma forma que a neurose, a psicose ou a perversão, mas sim como um fenômeno que pode estar associado a qualquer um dos três termos. Logo, deduz-se que cada sujeito, tido como adicto, apresenta uma relação particular com determinado produto dentro de sua estrutura, sendo esta anterior à manifestação da adicção. Consequentemente, não há qualquer traço de especificidade no chamado adicto que justifique uma clínica psicanalítica especializada, pois ainda é o sujeito estruturado pela linguagem quem aparece. “Torna-se relevante frisar que a ética e a estrutura psicanalíticas, no trabalho com os sujeitos considerados toxicômanos, estão preservadas” (Giansi, 2005, p.137). Isso não significa que não existam dificuldades próprias ao tratamento desse “novo sintoma”.

Lacan (1987 apud SANTIAGO, 2001b, p.29) irá situar a prática metódica do consumo de um produto no plano dos efeitos imprevisíveis da ciência, mais especificamente, dos que trazem conseqüências para o corpo, uma vez que a adicção é concebida, por ele, sob a perspectiva do gozo do corpo.

Santiago (2001a, 2001b) afirma que a ciência, além de possibilitar o acesso ao real, transforma-o, fazendo surgirem objetos que até então eram inexistentes e que, frequentemente, se tornam restos da civilização. Estes resquícios da civilização da ciência são chamados de *gadgets*, apontando, precisamente, sua natureza de dejetivo. Têm como uma característica peculiar possibilitar aos sujeitos uma recuperação da satisfação pulsional, ou seja, oferece meios de recuperação de gozo. Desse modo, o sujeito agarra-se a esses objetos, fixando-se neles. É possível, portanto, estabelecermos uma equivalência entre o produto e o *gadget*.

Diante do que foi exposto, pode-se localizar o fenômeno da adicção enquanto efeito da operação efetuada pela ciência moderna, a qual exclui o sujeito, reduzindo-o a mais um objeto, dentre tantos outros, no real. É notório que a sociedade de consumo, onde estamos inseridos, induz ao recurso a determinados produtos, pois diante de um mal-estar, este sujeito sem lugar o soluciona através do dito produto. (Betts, 2004).

Freud em *O mal-estar na civilização*, datado de 1929, aponta para a necessidade de *medidas paliativas*, que permitam com que lidemos com os sofrimentos desencadeados pela vida que levamos. Destaca três medidas com esse fim, a saber, derivativos poderosos, satisfações substitutivas e substâncias tóxicas, afirmando serem, essas, indispensáveis.

De acordo com ele, os métodos que buscam influenciar o organismo são os mais interessantes para evitar o sofrimento, sendo a intoxicação – o método químico – o mais eficaz deles, apesar de ser, também, o mais grosseiro. Isto se explica porque as substâncias tóxicas apresentam dois efeitos simultâneos: provocar sensações prazerosas e alterar nossa sensibilidade, de modo que os impulsos desagradáveis deixam de ser percebidos. Outro aspecto de suma importância é o alto grau de independência do mundo externo, o qual permite ao sujeito se refugiar em um mundo próprio, afastando-se das pressões da realidade (Freud, 1929).

O mecanismo de ação do produto pode ser definido através de sua relação com o recalque, já que ao suprimir as forças inibidoras, permite o acesso do sujeito às fontes de

prazer, até então recalcadas. O ser humano procura, então, driblar o mal-estar crônico através do uso de toda uma série de sedativos, ou excitantes, propostos pela civilização. “O recurso à droga propõe-se, como outros tantos sedativos, a ajudar a suportar a vida, apaziguar os sujeitos” (Santiago, 2001a, p. 103).

No entanto, como já vem sendo delineado ao longo do presente texto, não é possível pensarmos o recurso a este tipo de produtos somente nos termos do princípio de prazer, muito pelo contrário. Como nos mostra Santiago (2001a), tendo como ponto de partida a pulsão de morte, no texto freudiano *O mal-estar na civilização*, a prática do consumo de drogas aparece como exemplo do modo como o ser falante revela o sentido mortífero da libido.

Quando Freud fala sobre a ação destes produtos diretamente em nossa sensibilidade, apontando não só para as sensações prazerosas que ele gera, mas também para seu efeito sedativo, somos levados a pensar na associação entre esse fenômeno e a pulsão de morte e, conseqüentemente, no *Princípio de Nirvana*.

Conforme vimos na primeira parte deste trabalho, a pulsão de morte e o *Princípio de Nirvana* encontram-se intimamente relacionados, uma vez que o objetivo deste último é fazer com que as excitações que atingem o aparelho psíquico sejam reduzidas a nível zero, ou seja, sejam completamente anuladas. Ao observarmos o adicto o que é possível perceber?

Em um momento anterior ao uso do produto, comumente, o que se vê é um sujeito em intenso estado de agitação. Ao utilizá-lo, percebe-se que o referido sujeito faz um uso compulsivo do mesmo [produto], até atingir um estado de torpor absoluto. Santos & Costa-Rosa (2007) falam da impotência do adicto em administrar o uso da substância tóxica. “Na presença do objeto-droga, o toxicômano se defronta com sua incapacidade de pensar, reagindo com uma ação compulsiva, correspondente de uma tensão que parece ser vivenciada como impossível de baixar por outros meios” (Santos; Costa-Rosa, 2007, p. 489).

Através desses acontecimentos, somos remetidos à ação do princípio de Nirvana, pois o sujeito visa reduzir às tensões, as quais é submetido, a nada. Tanto que é notório o fato de que o adicto só interrompe o consumo do produto após atingir um estágio de letargia próximo ao da morte – e algumas vezes até mesmo a morte, nos casos em que ocorre uma *overdose*.



De acordo com Santos & Costa-Rosa (2007), a propensão dos adictos aos riscos da *overdose* é decorrente do gozo do corpo, pois quando este não encontra um limite na intermediação da linguagem e da simbolização, só pode ser limitado pela morte.

Sabe-se que o lugar do gozo é o corpo e que ele é sempre da ordem do excesso. Quando se fala em gozo é necessário pensar em termos de satisfação pulsional, mas não devemos confundir essa satisfação com prazer, pois a pulsão é capaz de se satisfazer com um objeto que seja nocivo ao indivíduo. Santiago (2001a, 2001b) afirma que, na perspectiva lacaniana, o gozo é definido como o que não serve para nada, como o que não é útil, havendo um estreito laço entre o gozo e o mal.

Através dessa relação entre satisfação e gozo cabe situarmos o uso que o adicto faz do produto como uma técnica do corpo, da qual o sujeito lança mão diante da insuficiência do sintoma, enquanto satisfação substitutiva. Sendo assim, o recurso ao produto surge como uma ação substitutiva, cuja eficácia é provisória, o que denota seu caráter cíclico (Santiago, 2001a).

É possível conferir ao consumo adicto de determinados produtos um caráter repetitivo, no entanto é preciso estar atento para não confundir a repetição no âmbito comportamental, inerente ao uso do produto, com a repetição no sentido psicanalítico. Se, na formulação lacaniana, o suporte da repetição é o significante, esta se encontra vinculada ao discurso. Ou seja, cabe ao analista não atribuir, *a priori*, o caráter de repetição ao ato do adicto, mas sim, estar atento aos dizeres do sujeito, a fim de, a partir da cadeia significante, vislumbrar algo dessa mesma ordem (Gianesi, 2005).

O que se vê, então, é que a compulsão à repetição é a insistência da cadeia significante e que, aquilo que se repete em uma análise é a sintomatologia significante específica de cada sujeito (André de Sousa, 1996; Gianesi, 2005).

Desse modo, o psicanalista, em sua clínica deve estar atento às particularidades da relação do sujeito com o produto, uma vez que é o sujeito quem faz o produto, e não o contrário (Santiago, 2001a).

## Considerações finais

Neste artigo procuramos abordar a problemática da adicção, como representante *modelar* dos chamados “novos sintomas”. Em função de suas características e de sua associação com o gozo, mostrou-se necessário percorrer um caminho a partir das elaborações freudianas acerca da compulsão à repetição e da pulsão de morte.

Apesar da adicção, para a psicanálise, não existir enquanto categoria clínica específica, Poulichet (1996) nos mostra que a teoria analítica, em decorrência de sua potência ficcional, permite uma abordagem dessas realidades singulares atravessadas pela lógica presente no uso do tóxico.

Ainda que o método analítico esteja preservado em sua estrutura e em sua ética, faz-se necessário um olhar atento, por parte do psicanalista, na condução da análise desses pacientes, pois as adicções interrogam a psicanálise em sua prática, aproximando-a dos seus limites (Poulichet, 1996).

Uma das principais dificuldades encontradas é a identificação do sujeito com o produto, o qual, ao chegar ao consultório, enuncia sua identidade enquanto adicto. Há uma clara dificuldade para a formulação de uma demanda e para a transformação da queixa desses pacientes em um sintoma analítico, uma vez que estes não se dispõem a endereçar seu sintoma ao sujeito-suposto-saber. Isto se dá em função de uma tentativa em se manter distante das exigências do Outro (Santiago, 2001a).

Para Poulichet (1996), o tratamento deve levar o paciente a vislumbrar o enigma do desejo do Outro, fazendo com que este retome indagações e construções, que, até então, encontravam-se relegadas a segundo plano, em função da evocação de uma resposta pela via do corpo.

No entanto, nada disso é possível antes da instalação da transferência, processo que, na adicção, é um tanto quanto laborioso, devido à adesividade do sujeito em relação ao objeto droga (Santiago, 2001a).

Segundo Giansi (2005), esses pacientes fazem referência ao prazer proporcionado por esses objetos. Se tomarmos a perspectiva freudiana de um mais além do princípio de prazer, é possível sugerir que, a inclusão do relato dessas experiências em suas análises, se trata de uma tentativa de lidar com a castração.

Pode-se acrescentar que nesse modo de relação do sujeito com o significante espera-se uma espécie de cifragem do gozo corporal pela linguagem, que pode permitir lidar com os impulsos de usar drogas, de modo a poder responder a eles atenuando a compulsão. Está implícita a idéia de que há gozo, para o sujeito, na produção de sentido novo; e que essa experiência subjetiva pode funcionar como desencadeadora de outras na mesma direção (Santos; Costa-Rosa, 2007, p. 490).

Sendo assim, ainda que a psicanálise não forneça uma explicação para a adicção enquanto uma entidade autônoma, ao possibilitar, através do processo analítico a emergência de um sujeito desejante e articulando sua renúncia ao gozo, podemos entender o trabalho de análise não no sentido de uma cura, como as práticas terapêuticas da atualidade entendem, mas como uma possibilidade de que esses sujeitos ascendam ao desejo.

## Referências

ANDRÉ DE SOUSA, E. L. Os conceitos. In: KAUFMANN, Pierre (Org.). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996. p.448-453.

BETTS, J. Sociedade de consumo e toxicomania – consumir ou não ser. In: *Tóxicos e manias: Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*. Porto Alegre: APPOA, n. 26, p.65-81, 2004.

FAVERET, B. M. S. et al. Eros no século XXI: Édipo ou Narciso?. In: *Tempo Psicanalítico*. Rio de Janeiro, v.39, p.35-50, 2007.

FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1895). *Projeto para uma psicologia científica*. vol. I.

\_\_\_\_\_. (1914). *Recordar, repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II)*. vol. XII.

\_\_\_\_\_. (1915). *Os instintos e suas vicissitudes*. vol. XIV.

\_\_\_\_\_. (1920). *Além do princípio de prazer*. vol. XVIII.

\_\_\_\_\_. (1930[1929]). *O mal-estar na civilização*. vol. XXI.

GIANESI, A. P. L. A toxicomania e o sujeito da psicanálise. In: *Psychê*. São Paulo: v.9, n.15, p.125-138, jan./jun. 2005.

LACAN, J. (1964). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

POULICHET, S. Le. Os conceitos. In: KAUFMANN, Pierre (Org.). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996. p.541-547.

SANTIAGO, J. *A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001a.

\_\_\_\_\_. Lacan e a toxicomania: efeitos da ciência sobre o corpo. In: *Ágora*. Rio de Janeiro: v.4, n.1, p.23-32, 2001b.

SANTOS, C. E.; COSTA-ROSA, A. (2007). A experiência da toxicomania e da reincidência a partir da fala dos toxicômanos. In: *Estudos de Psicologia*. Campinas: v.24, n.4, p.487-502, 2007.

### **REPETITION COMPULSION AND ADDICTION**

#### **ABSTRACT:**

This project discusses the issue of drug addiction as a model of new symptoms. For that, we reflected on its relations with repetition compulsion and 'jouissance'. In the end, we asked how psychoanalytic practice can deal with this phenomenon, that questions the limits of this practice.

**KEYWORDS:** Addiction. Addicted. Repetition compulsion. Jouissance. Psychoanalysis.

### **COMPULSION DE RÉPÉTITION ET ADDICTION**

#### **RÉSUMÉ:**

Cet article présente la question de la dépendance comme un modèle de ce qu'on appelle de nouveaux symptômes. À cette fin, nous réfléchissons sur ses relations avec la compulsion de répétition et de plaisir. Enfin, nous avons procédé à une question clinique de comment l'analyse est capable de faire face à ce phénomène, qui interroge les limites de leur pratique.

**MOTS-CLÉS:** La dépendance. Toxicomane. Compulsion de répétition. Jouissance. Psychanalyse.

Recebido em 21/06/2011

Aprovado em 29/08/2011

©2011 *Psicanálise & Barroco em revista*  
[www.psicanaliseebarroco.pro.br](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br)  
Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq  
Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.  
Memória, Subjetividade e Criação.  
[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

[www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista)